# A representação e a rede: a liderança política nos movimentos sociais contemporâneos[[1]](#footnote-1)

# The representation and the network: the Political Leadership in Contemporary Social Movements

Rosemary Segurado[[2]](#footnote-2)

Natasha Bachini[[3]](#footnote-3)

Rafael Aguiar de Paula Araujo[[4]](#footnote-4)

**Resumo**: O artigo apresenta a análise comparativa de dois movimentos que se apropriam das Tecnologias de Informação e Comunicação como meio de articulação política, o Movimento Passe Livre São Paulo e o Movimento Podemos, criado na Espanha. O objetivo do trabalho é verificar os discursos e a organização interna dessas duas experiências e analisar como se configura o papel que esses grupos atribuem à liderança política em um novo contexto político e social. O artigo procura fazer algumas reflexões sobre o novo modelo de liderança política que surge na sociedade em rede. O Movimento Passe Livre e o Movimento Podemos surgem em um contexto de crise política. A crise no modelo de representação, associada ao elevado índice de desemprego, resulta em um novo modelo de ativismo, que busca novas formas de lideranças que sejam capazes de ampliar a participação popular. Foram analisados os documentos produzidos pelos próprios movimentos e divulgados em suas páginas na internet para verificar seus posicionamentos acerca do papel da liderança, bem como para obter informações sobre os processos de organização interna, a perspectiva política adotada, o posicionamento sobre o funcionamento das instituições e dos partidos políticos atuais e as propostas para o enfrentamento da crise de representação política. A partir dessa agenda de investigação é possível verificar o papel que estes dois grupos atribuem à liderança política nesse novo modelo de sociedade em rede.

**Palavras-Chave:** Lideranças políticas. Movimento Passe Livre (MPL). Movimento Podemos.

**Abstract**: This article presents a comparative analysis between two movements that appropriate of Information and Communication Technologies as a mean for political articulation, the Movimento Passe São Paulo Livre (Free Pass Movement of São Paulo) and the Movimento Podemos (We Can Movement), created in Spain. The paper goal is to verify the discourses and the internal organization of these two experiences and analyze how to configure the role that these groups give to political leadership in a new political and social context. The article makes some reflections on this new political leadership model that emerges from the network society. Both Movimento Passe Livre and Podemos emerge in a context of political crisis. The crisis on the representative model, associated with a high unemployment rate, resulting in a new activism model that searches for new forms of leadership, which are capable to amplify popular participation. It was analyzed documents produced by the movements themselves and publicized on their websites to verify their position about the role of political leadership, and also to obtain information about internal organization processes, the adopted political perspective, the positioning about the behavior of the current institutions and political parties and the proposals to face the political representation crisis. From this agenda it is possible to verify the role that these two groups assign to political leadership in this new model of network society.

**Keywords:** Political Leadership. Free Pass Movement. We Can Movement.

**Introdução**

Tendo em vista os questionamentos colocados às formas de liderança tradicionais pelos movimentos sociais contemporâneos, que possuem dentre suas principais características a organização em rede, propomos a realização de um estudo comparativo sobre a apropriação das tecnologias digitais e as práticas políticas do Movimento Passe Livre São Paulo (MPL-SP)[[5]](#footnote-5) e do Movimento Podemos (criado a partir do Movimento 15M da Espanha).

O Movimento Passe Livre tem origem na Revolta do Buzú, no ano de 2003, que parou a cidade de Salvador-BA por 15 dias, e na chamada “Revolta das Catracas” em Florianópolis-SC. Ambas revoltas reivindicavam a anulação do aumento das passagens nas cidades mencionadas.

A principal bandeira do MPL é a gratuidade do transporte público no Brasil a partir da inclusão total de suas despesas no orçamento dos municípios, assim como ocorre com outros serviços públicos, como saúde e educação. Este movimento destacou-se nos últimos dois anos como precursor das chamadas “Jornadas de Junho” no Brasil, que de acordo com pesquisas anteriores (CASTELLS, 2013; CHOMSKI, 2012; JUDENSNAIDER et al, 2013;) caracterizou-se fundamentalmente pela organização e mobilização em rede e pela rede, pela articulação do debate em torno do direito à cidade, por meio da ocupação do espaço público, pela multiplicidade de demandas, e pela heterogeneidade do perfil dos participantes.

No rol das demandas presentes nas Jornadas, nos interessa em especial para essa pesquisa a crítica realizada às instituições políticas tradicionais e ao sistema representativo. Nesse sentido, o MPL apresenta-se como um movimento “horizontal, autônomo, independente e apartidário, mas não antipartidário” e propõe uma nova concepção da política, baseada na participação direta e na construção de consensos.

O Movimento 15M surgiu em maio de 2011 por meio do grupo do Facebook “Plataforma de Coordenação de Grupos Pró-Mobilização Cidadã”, no qual os cidadãos espanhóis discutiam a crise econômica que ainda avassala o país.

Nesses debates os participantes manifestavam sua indignação a respeito da falta de democracia representativa na Espanha. Para eles, os partidos políticos, ao realizarem cortes orçamentários nas áreas da saúde, educação e serviços sociais não representavam os interesses dos cidadãos.

Inspirados pelas revoluções árabes (2011) os manifestantes decidiram ir às ruas. No dia 15 de maio (15M), dezenas de milhares de pessoas tomaram as ruas de diversas cidades espanholas e acamparam na *Puerta del Sol*, praça simbólica da cidade, discutindo o significado de democracia real.

Posteriormente, o movimento decidiu descentralizar a ocupação e passou a organizar assembleias nos bairros, discutindo com os moradores e compartilhando problemas locais e gerais do país. Dessa forma, mantiveram um clima de debate e mobilização que em 2013 deu origem ao movimento Podemos.

Procuramos compreender se esses movimentos de fato apresentam um novo modelo de liderança a partir da observação das suas formas de organização e ação políticas, para tanto, buscamos identificar as aproximações e distanciamentos entre o MPL e o Podemos em suas respectivas relações com as instituições políticas.

Foram analisados os documentos produzidos pelos próprios movimentos e divulgados em suas páginas na internet[[6]](#footnote-6) para verificar seus posicionamentos acerca do papel da liderança, bem como para obter informações sobre os processos de organização interna, a perspectiva política adotada, o posicionamento sobre o funcionamento das instituições e dos partidos políticos atuais e as propostas para o enfrentamento da crise de representação política. A partir dessa agenda de investigação é possível verificar o papel que estes dois grupos atribuem à liderança política nesse novo modelo de sociedade em rede.

**Movimento Podemos**

Em janeiro 2014 o movimento Podemos iniciou um processo de discussão para se transformar em partido político e, atualmente, é uma força política expressiva no cenário europeu, propondo práticas políticas diferentes dos partidos políticos tradicionais.

O movimento Podemos começou a organizar suas atividades no segundo semestre de 2013, aproximadamente três meses antes do lançamento da Plataforma Podemos. O movimento se articulou em diversas localidades para debater a proposta de criação do partido. Nesse processo constituíram-se espaços de debate e de organização política, conhecidos como “círculos Podemos”, contando com a participação de aproximadamente trezentos coletivos de debates com estreita ligação às redes do 15M, conforme mencionamos acima.

Na página web do Podemos vemos a seguinte definição das diretrizes adotadas:

La Iniciativa Podemos ha conectado con una parte de la voluntad de cambio político generalizada, al suscitar importantes expectativas e ilusiones y cristalizar en cientos de Círculos Podemos. Estos círculos no tienen que sustituir al tejido asociativo y ciudadano existente en cada lugar. Tienen que ser permanentemente lugares de bienvenida, de suma y de extensión. Para conseguirlo debemos dejar a un lado las distinciones: todas y todos somos necesarios. Podemos.

Los Círculos Podemos están más allá de las siglas. Son espacios para terminar con el miedo, la fragmentación y la resignación, para construir la unidad popular y ciudadana, contra el empobrecimiento y el secuestro de la democracia. Desde los Círculos defendemos cuestiones de sentido común: somos ciudadanos y tenemos derecho a tener derechos; a vivir sin miedo; a la sanidad, la educación, la jubilación y la protección social; a la tierra y el territorio; al empleo; a la cultura; a desarrollarnos como personas y como pueblos; a que no nos mientan; a que no nos maltraten; a que no nos carguen con sus deudas; a que no nos roben(...).Cada círculo es un espacio de participación en el que la sociedad redacta y defiende un programa para hacer frente a la coyuntura de emergencia que viven los pueblos del sur de Europa[[7]](#footnote-7).

Em janeiro de 2014 o grupo promotor de Podemos lançou na internet o manifesto intitulado *Mover a Ficha* propondo o desafio de se conseguir 50.000 assinaturas de apoio em 15 dias para o lançamento de uma candidatura ao parlamento europeu em defesa da cidadania. Em poucas horas já registravam expressivo apoio, maior que o número esperado inicialmente e a partir desse momento se verificou um salto na proposta de constituição do partido.

En las próximas elecciones al Parlamento Europeo es necesario que haya una candidatura que se ofrezca a la ola de indignación popular que asombró al mundo. Nos alegramos del avance de las fuerzas de la izquierda, pero somos conscientes de la necesidad de hacer algo más para poner en marcha los cambios que necesitamos. Es tiempo de valentía y de no dejar que se cierre la ventana de oportunidad que el compromiso de tanta buena gente ha abierto. Necesitamos una candidatura unitaria y de ruptura, encabezada por personas que expresen nuevas formas de relacionarse con la política y que suponga una amenaza real para el régimen bipartidista del PP y del PSOE y para quienes han secuestrado nuestra democracia. Una candidatura que sume a la capacidad de gestión de lo público, la capacidad de involucrar a las mayorías en la configuración de su propio futuro. Una candidatura que dé respuesta a esa juventud a la que se invita a abandonar otra vez el país, a unos trabajadores que ven mermados día a día sus derechos, unas mujeres que tienen que volver a reclamar lo obvio, unas personas mayores a las que parece no haberles bastado luchar y trabajar toda una vida. Una candidatura que avance desde los espacios ya logrados y que logre avanzar más allá de la parálisis actual. Una candidatura que mueva ficha para convertir el pesimismo en optimismo y el descontento en voluntad popular de cambio y apertura democrática[[8]](#footnote-8).

A configuração política do grupo articulador do movimento, conhecido como grupo promotor, adotou como estratégia a ocupação de diversos espaços para a discussão política. O chamado núcleo intelectual, responsável pela estratégia de campanha é composto por professores, estudantes e ex-estudantes da Facultad de Ciencias Políticas y Sociologia de la Universidad Complutense de Madrid. Esse núcleo está articulado com a produtora de TV La Tuerka. Producciones con mano izquierda, espaço televisivo de debates fundamental para ampliar a estratégia midiática do grupo.

Outro grupo importante para a estratégia de participação do Podemos nas eleições da União Européia é o partido da IV Internacional, apesar de não ter representação parlamentar até aquele momento se constitui como referência política importante, com atuação em diversos movimentos sociais.

É oportuno ressaltar que a origem do Podemos está vinculada ao debate no início de 2001 da edição do I Fórum Social Mundial, ocorrido em Porto Alegre. Esse resgate é importante, considerando que o Podemos, entre outras organizações que emergiram da sociedade civil, está em consonância com o debate realizado pelos movimentos sociais articulados em torno do Fórum Social Mundial. O Fórum é um espaço de debates e articulação de propostas dos movimentos sociais, redes, ONGs e outras organizações da sociedade civil que se reúnem anualmente para discutir estratégias de enfrentamento dos impactos das políticas neoliberais sofridos pela população global.

O Fórum tem sido fundamental ao debate, à reflexão e, principalmente, à conexão dos movimentos sociais que buscam alternativas às práticas políticas do atual processo de globalização comandado por grandes corporações, governos e instituições nacionais e internacionais, ligadas ao capital financeiro.

O chamado núcleo promotor do Podemos participava das atividades do Fórum Social Mundial, levou o debate para a Espanha, atuando em movimentos que impulsionaram os protestos conhecidos como 15M, os Indignados que se manifestaram reivindicando mudanças na política e na sociedade espanhola, criticando as formas de organização partidárias tradicionais a partir da bandeira central “não nos representam”.

Em artigo recente, o sociólogo português Boaventura de Souza Santos analisa a emergência do Podemos, definindo-o como partido-movimento ou um movimento do partido. Trata-se de uma definição que expressa de forma bastante fidedigna a forma partidária em construção, à medida que se verifica a manutenção da dinâmica de um movimento, o ativismo social e a organização em rede, conforme se observa nas redes sociais, valorizando a horizontalidade e os processos colaborativos.

It is a new kind of party, a movement-party, or rather a party-movement, based on the following ideas:

-  People are not fed up with politics, they are just fed up with this kind of politics.

-  Political activism is important, but politics calls for the actual involvement of citizens who are not necessarily “politically active”. Being a member of the political class is of necessity a temporary condition, which precludes earning more than the country’s average wage.

-  The internet allows forms of interaction that did not exist before.

-  Transparency and accountability must be absolute; the party is a service of and for the citizens, and therefore should be financed by the citizens instead of by corporations bent on hijacking the state and depleting democracy.

It is worth noting that Podemos is a particularly felicitous and potentially more effective version of the political innovations that have emerged in various parts of the world as an expression of nonconformity in the face of the depletion of representative democracy caused by corruption and by the way in which governments have been hijacked by capital[[9]](#footnote-9).

Uma das questões-chave para a compreensão do Podemos é analisar as estratégias de atuação baseadas na complementação entre os procedimentos da democracia representativa e participativa, cujo objetivo principal é dinamizar o sistema político espanhol que tem demonstrado esgotamento na capacidade de interlocução e articulação dos cidadãos.

O uso dos dispositivos midiáticos desempenha papel central nas estratégias de articulação política. Nesse sentido, o programa de debates Tuerka garante grande visibilidade para Pablo Iglesias e Juan Carlos Monedero, ambos protagonistas da organização do partido. O ativismo político remonta a diversas atividades políticas e a experiência de atuação junto a atividades da Izquierda Unida, dos diversos governos progressistas da América Latina, além dos movimentos europeus contra a globalização neoliberal.

O programa televisivo La Tuerka apresentado por Iglesias e Monedero, transmitido em quatro edições semanais de 90 minutos nas quais trazem convidados para debater questões para a renovação da vida política española.

Essa visibilidade midiática também é trabalhada nas plataformas digitais, com intenso uso do Twitter e Facebook para as atividades do partido, caracterizando a centralidade da prática midiativista nos debates e na organização partidária.

A capacidade comunicativa dos integrantes do Podemos é recebida dentro dos espaços de diálogo político e se apresenta como uma espécie de oásis no cenário español, verificado nos índices diários de audiência e a repercussão nos círculos de ativistas políticos que receberam a proposta do Podemos como alternativa às forças políticas existentes no país.

O protagonismo político de Pablo Iglesias e sua performance midiática fez com que ele passasse a ser figura presente em grandes canais de TV para participar de debates com outros políticos, ampliando ainda mais a presença do novo partido e despertando interesse de cidadãos que se encontravam distanciados do debate político por não se sentirem representados nas posições político-partidárias dos partidos tradicionais, principalmente rompendo a polarização dentre os maiores partidos espanhóis, a saber: PP (Partido Popular), atualmente no poder central e PSOE (Partido Socialista Espanhol).

Embora seja notável a presença midiática de Iglesias, a discussão a respeito de sua liderança na página de Podemos não expressa um processo de personalização, característica típica da forma com que os partidos políticos tradicionais constroem a representação de seus principais líderes. A imagem de Iglesias está no mesmo patamar dos demais parlamentares europeus, eleitos em maio de 2014.

Também temos o Conselho Cidadão com a imagem de todos os integrantes da organização e também o número de votos obtidos para a composição dos órgãos do partido. Entre os dias 10 e 14 de novembro, 107.488 pessoas votaram para a composição do Conselho.

A página do Podemos no Facebook contava com 954.431 seguidores em março de 2015 e aproximadamente 150.000 internautas que fazem alguma menção às atividades do Partido. Entre as principais atividades articuladas na página, identificamos a convocatória dos atos de campanha no processo eleitoral, petição para arrecadação de verbas também para a campanha eleitoral a partir da prática de crowndfunding ou venda de merchandising, divulgação de artigos da grande imprensa que fazem algum tipo de menção ao partido, além da divulgação da presença de Pablo Iglesias e de outros candidatos em programas televisivos.

O Podemos se inscreve na dinâmica dos novíssimos movimentos sociais, com participação excessiva dos setores juvenis, amplamente afetados pelas políticas de austeridade financeira adotadas a partir da crise econômica global de 2008. Esse segmento vivencia os maiores índices de desemprego, aproximadamente 50%, enquanto a população geral apresenta 23%.

O Podemos surge, portanto, em um contexto de crise econômica e política. A crise no modelo de representação, associada ao elevado índice de desemprego, resulta em um novo modelo de ativismo, que busca novas formas de lideranças que sejam capazes de ampliar a participação popular.

**Movimento Passe-Livre São Paulo (MPL-SP)**

O MPL apresenta uma série de pontos de convergência com o Podemos. O primeiro deles é a sua origem. Embora suas ideias e estrutura tenham sido inspiradas nas revoltas do Buzu e da Catraca, o movimento foi formalizado após uma sessão do Fórum Social Mundial no ano de 2005.

Composto também por uma maioria de jovens universitários, sendo grande parte deles oriunda dos cursos de ciências humanas das mais tradicionais universidades do país (USP, PUC, FESPSP)[[10]](#footnote-10), estes, ao reivindicarem uma nova forma de fazer política a partir de uma organização horizontal, conforme já observado por autores como HARDT e NEGRI (2005) e CASTELLS (2013), negam o adjetivo de “líder do movimento” a si mesmos e seus pares. Na carta de princípios do MPL disponível em seu site, consta:

Todas as pessoas envolvidas no MPL devem possuir o mesmo poder de decisão, o mesmo direito à voz e a liderança nata. Pode-se dizer que um movimento horizontal é um movimento onde todos e todas são líderes, ou onde esses líderes não existem. Desta forma, todos e todas têm os mesmos direitos e deveres, não há cargos instituídos, todos e todas devem ter o acesso a todas as informações. As responsabilidades por tarefas específicas devem ser rotatórias, para que os membros do grupo possam aprender diversas funções.

Nas declarações dadas a imprensa, os membros do movimento designados pelo coletivo para tal tarefa, deixam clara a rejeição do MPL a esse conceito de liderança verticalizada. Em entrevista ao Último Segundo, em 2013, a estudante de Geografia da USP Mayara Vivian, rebate a insinuação do repórter a respeito do seu papel de líder dentro do movimento por conta da sua participação ativa nos atos do MPL e no contato com a Secretaria de Segurança Pública, com a Prefeitura e a imprensa: “Uma coisa é você ser referência, outra coisa é ser liderança”.

No mesmo sentido, Nina Cappello, estudante de Direito da USP, e Lucas Monteiro de Oliveira, professor de História e mestrando da USP, quando questionados sobre sua vida pessoal por Mario Sergio Conti, no Programa Roda-Viva de 17 de junho de 2013, evitaram se expor, pois entendem que esse tipo de resposta contribui para a criação de um estereótipo do movimento: “A gente não gosta de personalizar... Estamos aqui como militantes de um movimento social, acho que não cabe muito colocar nossas questões pessoais”.

Essa concepção de liderança descentralizada a partir da construção compartilhada de significados e o uso de meios de comunicação alternativos apresentados pelo MPL já estavam presentes na organização dos chamados novos movimentos sociais da década de 1980, de acordo com as análises de Touraine (1983), Habermas (1984) e Melucci (1996). Embora o poder esteja descentralizado, o entendimento de liderança como “o que conduz”, próprio da etimologia da palavra, permanece. A liderança compartilhada no coletivo como um todo deve conduzir esse processo de transformação: “O MPL não tem fim em si mesmo, deve ser um meio para a construção de uma outra sociedade” (carta de princípios do MPL).

A organização horizontal do movimento, seu caráter rizomático e o processo decisório baseado no consenso, faz com que cada um de seus membros seja tão importante quanto o outro para a sua existência e estes se viralizam de tal modo que o próprio MPL atualmente não consegue mensurar o seu próprio número de integrantes. Porém, os seus membros assumem que existe um grupo mais ativo dentro do movimento, composto, no caso de São Paulo, por aproximadamente 45 pessoas.

Além disso, embora crítico da representação, o MPL se utiliza desse sistema em seus encontros nacionais. Atualmente o MPL possui 16 unidades locais espalhadas pelo Brasil e promove encontros nacionais através dos quais se reúnem em um Grupo Nacional os representantes locais referendados por suas respectivas delegações. Contudo, é prevista uma rotatividade na seleção desses representantes assim como nas demais tarefas distribuídas entre os membros do MPL.

É importante frisar que o exercício da representação e o da deliberação param nesse ponto. Ao contrário do Podemos, os membros do MPL se opõem claramente a qualquer tipo de institucionalização do movimento, defendendo a construção política diária e a mobilização popular como instrumentos para pressionar as instituições tendo em vista transformar a realidade social a partir de uma organização igualitária.

Na carta de princípios do movimento essa ideia é reforçada: “A via parlamentar não deve ser o sustentáculo do MPL, ao contrário, a força deve vir das ruas”. Lucas Oliveira também enfatiza esse posicionamento do coletivo no Programa Roda Viva quando questionado sobre uma possível partidarização do MPL:

Para a gente a transformação principal não vem pela conquista do poder público. Se fosse isso, nós estávamos filiados a algum partido, disputando algum cargo e não fazendo movimento social. A gente acha que a transformação central vem da mobilização da sociedade, da construção de espaços diferenciados. É isso que é importante para as pessoas se mobilizarem, se envolverem, transformarem a vida delas. Ai está o nosso foco político.

Ao longo de sua trajetória, o MPL destacou-se no país inteiro pela pressão que exerceu sobre os governos no âmbito local no que se refere a questão do transporte e do acesso à cidade, fazendo com que cerca de 50 municípios recuassem no aumento das passagens de ônibus[[11]](#footnote-11) ou garantissem a gratuidade do transporte público para os estudantes de baixa renda (Rio de Janeiro, 2005; Brasília, 2011[[12]](#footnote-12); São Paulo, 2015).

Ao refletir sobre as relações entre as instituições e os movimentos sociais, Pereira (2012) vê o conflito entre essas duas instâncias como fundamental ao aprofundamento democrático. Partindo do pressuposto que a estrutura institucional não permite uma participação igualitária de todos os indivíduos, Pereira afirma que um dos principais objetivos dos movimentos sociais é o desenvolvimento de uma nova concepção de democracia.

Ao citar Della Porta e Diani (2006), o autor ressalta as críticas que os movimentos sociais tecem aos mecanismos da democracia liberal e aos partidos, e a proposição que trazem da necessidade de uma meta-política, para além da política parlamentar, de modo que a pressão das ruas se torna a principal estratégia para determinados grupos sociais terem suas demandas atendidas.

No caso do MPL, além do que o trabalho de formação e conscientização política realizado pelo movimento em escolas, bairros e comunidades, tem sido fundamental à mobilização política e à pressão sobre as instituições, a apropriação das tecnologias de comunicação digitais.

Em 10 anos de existência, o movimento nunca teve tanta visibilidade como hoje e os próprios membros do MPL compreendem a importância dessa ferramenta para sua causa: “O movimento não teria tomado tal proporção se não fossem as redes sociais” (Lucas Oliveira, Programa Roda Viva, 2013)

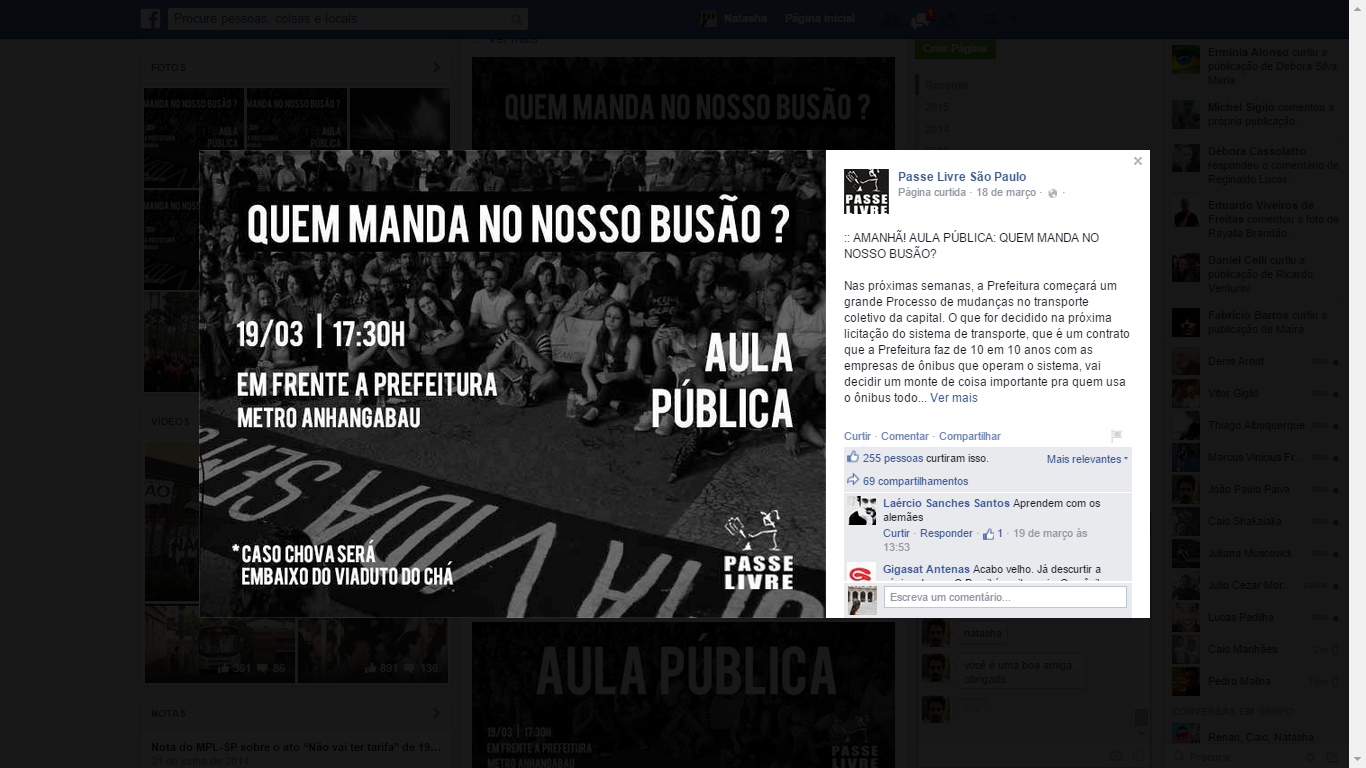
Tendo em vista que a grande mídia tem interesses diretamente atrelados às empresas de transporte e as instituições políticas, na carta de princípios do MPL consta a orientação a seguinte orientação:

O MPL deve utilizar mídias alternativas para a divulgação de ações e fomentar a criação e expansão destes meios. Já o contato com a mídia corporativa deve ser cauteloso, entendendo que estes meios estão diretamente atrelados às oligarquias do transporte e do Poder Público.

Desse modo, o MPL se utiliza para se comunicar com a sociedade do seu site, através dos links “Notícias”, “Agenda” e do jornal aperiódico Passe, de diversos sites de redes sociais do movimento (Orkut, Facebook, Twitter, Tumbrl, My Space, Bookmark, etc) e do diálogo com outros veículos de comunicação alternativos indicados (Mídia Negra, Passa Palavra, Rádio Várzea Livre, Jornal O Mal Educado e o Centro de Mídia Independente) em seu site no item “Parceiros”. Toda a informação veiculada por estes canais é de produção do próprio movimento.

A respeito especificamente do uso do Facebook pelo movimento, este se caracteriza fundamentalmente pela divulgação de suas propostas e pela mobilização para os atos públicos e outras atividades que este organiza, conforme apontam a Figura 1 e 2 e conforme já apontava estudos anteriores sobre o uso desse aplicativo pelos manifestantes em 2013 (BACHINI e CHICARINO, 2014; SEGURADO, BACHINI e MALINA, 2014).

Figura 1 – Post de mobilização. MPL-SP.



Fonte: https://www.facebook.com/passelivresp?fref=ts Data de acesso: 27/03/2015

Figura 2 – Post de divulgação e mobilização. MPL-SP.



Fonte: https://www.facebook.com/passelivresp?fref=ts Data de acesso: 27/03/2015

Porém, ao comparar o atual uso da página pelo MPL ao período de análise anterior (junho/2013), observamos uma estagnação no número de curtidas da página (304 mil, no ano passado eram 303 mil) e uma significativa queda no número de postagens e de curtidas, comentários e compartilhamentos dessas.

É bastante provável que este fato esteja relacionado diretamente à eclosão do movimento e as diferentes repercussões das manifestações de 2013 e das manifestações de 2015. Em junho de 2013, foram realizadas 57 postagens na pasta e essas alcançaram uma média de 1734 curtidas cada. Em janeiro de 2015, data de novo aumento da passagem na cidade de São Paulo, foram veiculadas 23 postagens que tiveram uma média de 211curtidas cada.

A partir do exercício de observação participante e da conversa informal com alguns dos membros do MPL, ouvimos relatos sobre um possível refluxo do movimento devido as férias escolares e o Carnaval, visto que a maioria dos seus integrantes são estudantes. Outro fator que pode ter contribuído para tal conjuntura é a concessão da gratuidade do transporte público aos estudantes de baixa renda pela prefeitura de São Paulo no mesmo período, embora os membros do MPL tenham se mantido firmes na defesa da sua pauta do transporte público gratuito, não se contentando com essa “pequena” vitória.

Além disso, nota-se o crescimento do volume de comentários críticos ao movimento nas postagens, sendo que vários deles contêm expressões ofensivas e xingamentos explícitos, como podemos observar na Figura 3 e 4. Destacam-se as insinuações de que o movimento é formado por “playboys” e que este se “vendeu” para o Partido dos Trabalhadores.

Figura 3 – Print da página do MPL-SP.



Fonte: https://www.facebook.com/passelivresp?fref=ts Data de acesso: 27/03/2015

Figura 4 – Print da página do MPL-SP.



Fonte: https://www.facebook.com/passelivresp?fref=ts Data de acesso: 27/03/2015

**Considerações finais**

A proposta desse artigo foi apresentar dois exemplos de experiências contemporâneas de mobilização social, que possuem realidades e escopos distintos. Tanto o Podemos quanto o MPL são exemplos de ações políticas que se situam em um novo contexto geopolítico e de amadurecimento do processo civilizatório. Tratam-se de experiências diferentes, com peculiaridades próprias, mas que podem guardar aproximações. O texto procurou sintetizar os dois casos com o objetivo de compará-los e apontar elementos comuns que permitam uma reflexão sobre a relação governantes e governados e, com isso, dar forma a um novo e complexo fenômeno de organização social capaz de problematizar a ideia de liderança política.

Nas duas experiências é possível identificar em comum o fato de serem instituições que se apropriam das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como meio de articulação estratégica. Mesmo com as particularidades de cada caso, é possível identificar que nas duas situações descritas há em comum uma resposta dos cidadãos concretizada a partir de uma circulação horizontalizada da informação. Essa resposta pode ser contextualizada a um período específico de desenvolvimento técnico-científico-informacional, conforme nos assegura Santos (1996). De fato o acirramento do fenômeno da globalização e o inflacionamento do acesso às tecnologias comunicacionais atendem a uma lacuna constituída em nosso estado de desenvolvimento político e social.

Segundo Bernard Manin (1995) é possível identificar um longo processo de esvaziamento das instituições legítimas de diálogo entre os cidadãos e o Estado e o fortalecimento dos meios de comunicação de massa, que passam a ocupar essa função. Essa substituição resultou em um esvaziamento do debate que passou a verticalizar-se e a afastar os cidadãos da política. O longo processo de constituição da Era da Informação (Castells, 1999) coincide com o processo de fragilização dos partidos políticos e sindicatos como espaços de articulação e debate, resultando na despolitização da população de forma geral. Na mesma medida em que o processo de afastamento dos cidadãos do debate público foi se materializando na redução da participação política à participação nos pleitos eleitorais, o mundo do trabalho e a organização dos fluxos urbanos foram se complexificando de tal forma que o tempo para a política tornou-se cada vez mais inviável, materializando uma equação de difícil solução. O resultado histórico foi a fragilização da cultura política e a fragmentação dos movimentos sociais. Ao longo desse processo, a figura clássica do líder político soube se adaptar bem, foi capaz de lançar mão dos recursos midiáticos atrelando-se ao marketing político e eleitoral.

As duas experiências selecionadas, no entanto, situam-se em um contexto diferente, que aponta para uma mudança significativa. Segundo Milton Santos (1996) vivemos em um meio técnico-científico-informacional que corresponde ao grau de desenvolvimento tecnológico de nossa época. Obviamente a presença e popularização das Tecnologias de Informação e Comunicação e o atual desenvolvimento da internet em uma rede distribuída (Galloway, 2004) propiciaram uma nova realidade técnico-social. Existe uma nova relação espaço-temporal que guarda afinidade com o atual estágio de desenvolvimento do mundo do trabalho e da globalização. A partir da portabilidade da internet os cidadãos encontraram possibilidades de participação política sem que fosse preciso sacrificar o tempo de trabalho. Ao mesmo tempo, o universo informacional e as movimentações mundiais passaram a ser acessíveis aos usuários contribuindo para o processo de envolvimento político e quebrando o monopólio da informação dos meios de comunicações tradicionais.

Por outro lado, a presença da tecnologia e o estágio de desenvolvimento da racionalização conduziram os indivíduos a um insulamento provocado pela aceleração do tempo e pelo cotidiano do trabalho, que gerou o processo de despolitização e o enfraquecimento dos espaços tradicionais de participação. Nesse sentido, a presença das TICs altera tanto o cotidiano das instituições, quanto dos cidadãos. A ausência de tempo para a política deixa de ser um problema e novos arranjos de movimentos sociais foram surgindo cumprindo com um papel que os partidos e sindicatos já não cumpriam.

As duas experiências avaliadas aqui revelam o resultado das possibilidades de articulação trazidas pelo novo ambiente tecnológico comunicacional a grupos de cidadãos politizados e interessados em fortalecer novos mecanismos democráticos. Essa realidade, contudo, não diz respeito à totalidade dos cidadãos. A maioria dos cidadãos ainda não faz uso político das TICs e permanece despolitizada e afastada de uma perspectiva mais sistêmica sobre os processos políticos contemporâneos. Estamos, portanto, em um momento de transição.

A profissionalização da política, que ganhou forma com o institucionalismo e com a própria democracia representativa, compreende o modelo *top-down* de formulação de políticas. O que essas duas experiências, dentre tantas outras, apontam é o esgotamento do modelo de representação e a necessidade de uma adequação ao novo contexto técnico-científico-informacional. Diante disso é preciso avaliar de que forma a figura do líder político encontra espaço.

Tanto no caso do Podemos quanto no caso do MPL não identificamos espaço para o desenvolvimento da figura tradicional de liderança política. A organização política é feita em rede, de forma criativa e horizontalizada, próximo ao comportamento da Multidão, tal como Hardt e Negri (2005) a caracterizam. Por estarmos em um momento de transição e pelo fato dos meios de comunicação tradicionais terem se adaptado à presença da internet, lançando mão de seus recursos e articulando a agenda da web e a agenda dos meios de comunicação tradicionais, o fenômeno da liderança política contemporânea torna-se ainda mais complexo. De fato vemos a procura de alguns movimentos sociais adotarem novas formas de lideranças e organização, mas também identificamos uma assimetria entre essas experiências e a maior parte das situações políticas. Trata-se, portanto, de um tema de pesquisa urgente e que deve ser aprofundado com o levantamento e a análise de novas experiências.

**Referências bibliográficas**

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

CHOMSKI, Noam. **Occupy**. London: Peaguin Group, Pearson, 2012.

GALLOWAY, A. **Protocol : How Control Exists After Decentralization**. Cambridge, MA. : MIT., 2004.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidões: guerra e democracia na era do Império**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JUDENSNAIDER et al. **Vinte Centavos: a luta contra o aumento**. 1 ed. São Paulo: Veneta, 2013.

MANIN, Bernard. "As metamorfoses do governo representativo". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, nº 29, ano 10, outubro de 1995.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SINGER, André. “Brasil: junho de 2013. A democracia do público reconsiderada”. Tradução de Otacílio Nunes. **Revista Novos Estudos: dossiê mobilizações, protestos e revoluções**. CEBRAP: novembro, 2013

Sites consultados:

<https://www.opendemocracy.net/boaventura-de-sousa-santos/podemos-wave>

<http://www.publico.es/487297/la-tuerka-supera-a-la-noche-en-24-horas-en-share-social>

<https://www.facebook.com/pages/Podemos/269212336568846?sk=info&tab=page_info>

<http://saopaulo.mpl.org.br> e <http://podemos.info>

<https://www.facebook.com/IglesiasTurrionPablo?fref=ts>

<https://www.facebook.com/juancarlos.monedero?ref=ts&fref=ts>

<http://tratarde.org/wp-content/uploads/2014/01/Manifiesto-Mover-Ficha-enero-de-2014.pdf>

http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2013-06-20/conheca-o-mpl-que-atraiu-milhares-as-ruas-e-milhoes-para-a-causa.html

<https://www.youtube.com/watch?v=aJFF-HK_9Kc>

<http://saopaulo.mpl.org.br/apresentacao/carta-de-principios/>

1. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Internet e Política do VI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VI COMPOLÍTICA), na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), de 22 a 24 de abril de 2015. Esse paper apresenta parte dos resultados oriundos do projeto temático da Fapesp 12/50987-3 “Lideranças políticas no Brasil: características e questões institucionais”, desenvolvido pelos pesquisadores do NEAMP (Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC/SP). [↑](#footnote-ref-1)
2. Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e pesquisadora do NEAMP. Email: roseseg@uol.com.br [↑](#footnote-ref-2)
3. Doutoranda do IESP-UERJ e pesquisadora do NEAMP. E-mail: natashabachini@iesp.uerj.br [↑](#footnote-ref-3)
4. Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e pesquisadora do NEAMP. Email: rafa77@uol.com.br [↑](#footnote-ref-4)
5. Ao verificar as diferenças locais próprias de um movimento que se intitula como federalista (são 16 MPLs espalhados pelo território brasileiro), selecionamos para este exercício de comparação apenas o MPL paulistano, designado pela sigla MPL-SP. [↑](#footnote-ref-5)
6. <http://saopaulo.mpl.org.br> e <http://podemos.info> [↑](#footnote-ref-6)
7. Cf. http://podemos.info/circulos [↑](#footnote-ref-7)
8. Cf. <http://tratarde.org/wp-content/uploads/2014/01/Manifiesto-Mover-Ficha-enero-de-2014.pdf> [↑](#footnote-ref-8)
9. Cf. <https://www.opendemocracy.net/boaventura-de-sousa-santos/podemos-wave> [↑](#footnote-ref-9)
10. Com base nos dados coletados pelo Ibope, Datafolha e Inovare, Singer esboça uma caracterização dos manifestantes, afirmando que eram majoritariamente jovens com diploma universitário e com uma renda média familiar desproporcional a sua titulação, que varia de 2 a 5 salários mínimos. O autor destaca também a ausência da base da pirâmide social brasileira nessas manifestações.(SINGER, 2013) [↑](#footnote-ref-10)
11. Como exemplo: Florianópolis,2004; Goiânia, 2013; São Paulo,2013; Rio de Janeiro, 2013; Belo Horizonte, 2013, Manaus, 2013, Cuiabá, 2013, João Pessoa,2013. [↑](#footnote-ref-11)
12. No caso de Brasília, a [**LEI Nº 4462/2011**](http://www.dftrans.df.gov.br/images/PDFs/LEI_4462-passe_livre.pdf)é universal, contempla todos os estudantes, não apenas os de baixa renda. [↑](#footnote-ref-12)